

LETRAMENTOS ACADÊMICOS: DESAFIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES DA ESCRITA ACADÊMICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UERJ/FEBF

Rennan Reigadas Meira Pontes de Carvalho (UERJ/FEBF)

rennan.reigadas@hotmail.com

Andréa Pessoa dos Santos (UERJ/FEBF)

a.pessoas70@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada no âmbito do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), *campus* da UERJ de Duque de Caxias-RJ. Com o objetivo de compreender os desafios, conflitos e possibilidades da escrita acadêmica desses discentes, a partir de seus próprios discursos, a pesquisa pautou-se nas questões: o que os estudantes do curso de Pedagogia dizem sobre suas escritas acadêmicas? Como a produção da escrita acadêmica vem sendo desenvolvida em disciplinas específicas no curso de Pedagogia da FEBF? Fazem parte do referencial teórico, ajudando a refletir sobre letramento e letramentos acadêmicos, obras de Marinho (2010), Fiad (2013), Pasquotte-Vieira (2014), Street (2017), entre outros. Nossos procedimentos metodológicos foram: revisão bibliográfica, observação de aulas e distribuição de questionários (Formulário Google). A análise do material coletado foi conduzida a partir da proposta teórico-metodológica da Análise Dialógica do Discurso – ADD (Brait, 2006; Sobral e Giacomelli, 2016), fundamentada nos estudos do Círculo de Bakhtin. Os resultados apontam que tais estudantes ingressam desenvolvendo uma relação conflituosa com a escrita acadêmica, carregando dificuldades até períodos mais avançados, ora culpabilizando o ensino de leitura e escrita na Educação Básica, ora resgatando outros fatores externos como motivos de seus enfrentamentos com tal escrita. Este problema ganha novas camadas ao percebermos uma falta de processos mais adequados de Letramentos Acadêmicos por parte dos docentes, com propostas de produção com retornos e acompanhamentos contínuos sobre a escrita para integração aos gêneros discursivos acadêmicos.

Palavras-chave:

Escrita acadêmica. Letramentos Acadêmicos. Análise Dialógica do Discurso (ADD).

ABSTRACT

This article presents the results of a study carried out as part of the final year of the Pedagogy course at the Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), UERJ campus in Duque de Caxias-RJ. With the aim of understanding the challenges, conflicts and possibilities of these students' academic writing, based on their own discourses, the research was based on the questions: what do students on the Pedagogy course say about their academic writing? How has the production of academic writing been developed in specific subjects in the FEBF Pedagogy course? Works by Marinho (2010), Fiad (2013), Pasquotte-Vieira (2014), Street (2017), among others, are part of the theoretical framework, helping to reflect on literacies and academic literacy. Our methodological procedures were: literature review; observation of classes and distribution of questionnaires (Google Form). The collected material was analyzed using the theoretical-

methodological proposal of *Análise Dialógica do Discurso- ADD* (Brait, 2006; Sobral and Giacomelli, 2016), based on the studies of Bakhtin's Circle. The results show that these students start off developing a conflicted relationship with academic writing, carrying difficulties into later periods, sometimes blaming the teaching of reading and writing in basic education, sometimes pointing to other external factors as the reasons for their struggles with such writing. This problem takes on new layers when we see a lack of more adequate Academic Literacy processes on the part of teachers, with proposals for production with continuous feedback and monitoring of writing for integration into academic discursive genres.

Keywords:

Academic Literacies. Academic writing. *Análise Dialógica do Discurso (ADD)*.

1. Introdução

Compreendendo que muitos estudantes que ingressam em cursos de graduação enfrentam dificuldades na produção de gêneros acadêmicos escritos solicitados nessa esfera social, e a fim de aprofundar os conhecimentos sobre os letramentos acadêmicos, com ênfase nos processos de ensino e aprendizagem de gêneros discursivos solicitados em disciplinas do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FEBF), traçamos as seguintes questões que organizaram nossa pesquisa: “O que os estudantes do curso de Pedagogia dizem sobre suas escritas acadêmicas?” e “Como a produção da escrita acadêmica vem sendo desenvolvida em disciplinas específicas no curso de Pedagogia da FEBF?”.

Para respondê-las, realizamos a revisão da bibliografia especializada sobre a temática tratada, observações participativas em aulas voltadas para leitura e produção de textos acadêmicos e, por fim, a utilização de questionários (Formulário Google) enviados para os estudantes da UERJ via redes sociais.

Inicialmente, vale ressaltar que os estudos sobre a escrita acadêmica, e sobre o ensino de escrita acadêmica, são recentes no Brasil. De acordo com Fiad (2017), o estudo sobre a escrita escolar no país contou com as contribuições de Pécora (1977; 1989), conforme apontado por Pietri (2007, *apud* FIAD, 2017), e com as obras de Geraldi (1984). Essas pesquisas, apesar de estarem inicialmente voltadas para o ensino da língua portuguesa e produções escritas de alunos da Educação Básica, abriram margem para novos estudos sobre as produções da escrita tanto dos vestibulandos como dos estudantes universitários.

Esses estudos passaram a concentrar-se no contexto acadêmico com o objetivo de compreender os desafios da escrita de estudantes na universidade, especialmente devido à expansão do ensino superior no país, tanto em

quantidade de alunos como em diversidade cultural e linguística (Fiad, 2017).

Neste sentido, ganhou força entre os docentes o discurso da transparência, no qual, nas interpretações de Pasquotte-vieira (2019, p. 68) sobre as palavras de Bennet (1991, p. 16) quando se torna “visível” a diferença entre o padrão de escrita acadêmico e a escrita dos estudantes, ela se torna “[...] um objeto de censura segundo a perspectiva da deficiência da escrita e do conhecimento da “cultura” da academia.”.

Assim, nos últimos anos, a partir de uma perspectiva sociocultural da escrita, autores como Lea e Street (2014) apontam para a compreensão do conceito de letramento como prática social, estabelecida de diversas formas, em diferentes contextos sociais, sendo a esfera discursiva acadêmica um desses diversos contextos.

2. Letramentos Acadêmicos e escrita acadêmica: breves considerações

Com base nos estudos recentes de pesquisadores como Street (2017), Marinho (2010), Fiad (2013; 2015; 2017) e Pasquotte-Vieira (2014), discutem-se diversos aspectos relacionados aos múltiplos letramentos. Essas pesquisas analisam as diferentes práticas e eventos de letramento, considerando a esfera discursiva e social.

Assim, adotando uma visão sociocultural da linguagem e do letramento, os Novos Estudos do Letramento (NEL) reconhecem que tal fenômeno não é uma habilidade única e homogênea, mas sim uma variedade de práticas sociais e culturais em diferentes contextos. Os estudos nesta área buscam compreender, portanto, como as práticas de leitura e escrita são realizadas em diferentes esferas sociais (Street, 2017), inclusive na esfera acadêmica.

Pasquote-Vieira (2014) comenta que o interesse pelas práticas de leitura e escrita na esfera acadêmica tem sido realçado pelo fato de a universidade ter recebido, nesses últimos anos, alunos oriundos de grupos sociais que antes não tinham acesso ao Ensino Superior. A autora destaca que, no âmbito das reflexões sobre o tema, a concepção de aluno “pronto” passa a dividir espaço com a concepção de alunos “não tradicionais”.

De acordo com a autora, desde a expansão do acesso desses estudantes à universidade, um dos embates mais frequentes tem recaído sobre o discurso de um suposto déficit de práticas de leitura e escrita desses alunos “não tradicionais”. Segundo ela, esses discursos afirmam, erroneamente, que a motivação desse déficit se justifica nas lacunas da bagagem que eles trazem do Ensino Médio.

Discordando então desta justificativa, afirma que as dificuldades e desafios enfrentados pelos estudantes universitários são próprios dos gêneros do discurso utilizados no ambiente acadêmico. Entendendo que ao ingressarem na esfera acadêmica, os discentes são apresentados a uma gama de gêneros discursivos próprios deste espaço que vão além do que produziam no Ensino Médio.

Neste sentido, os estudantes só teriam a própria universidade como espaço para adquirir as habilidades de leitura e escrita de gêneros acadêmicos; ou seja, vivenciando as práticas letradas acadêmicas.

Com base nas pesquisas de Lea e Street, Pasquotte-Vieira (2014) sinaliza 03 (três) modelos de letramento acadêmico possíveis para o processo de ensino da escrita na esfera acadêmica. O primeiro modelo, o de “habilidades de estudo”, adota a escrita e o letramento como habilidades individuais e cognitivas.

O segundo, denominado “socialização acadêmica”, entende a escrita como um meio transparente de representação, centrando-se numa relação de aculturação de estudantes quanto a discursos e gêneros acadêmicos.

O terceiro modelo, “letramentos acadêmicos”, adotado pelos pesquisadores nos Novos Estudos do Letramento (NEL): “[...] tem relação com a produção de sentido, identidade, poder e autoridade; coloca em primeiro plano a natureza institucional daquilo que conta como conhecimento em qualquer contexto acadêmico específico” (Lea; Street, 2014, p. 479).

Street (2017) comenta que, no início de sua pesquisa com Mary Lea, o modelo adotado e que predominava nas universidades era o das “habilidades de estudo”. Posteriormente, o modelo assumido foi o da “socialização acadêmica”. Este último, apesar de representar um avanço com relação ao modelo anterior, também apresentava limitações.

Assim, os autores passaram a adotar o modelo de “Letramentos Acadêmicos”, que permitiu aos professores “[...] perceberem e conceitualizar o que de fato ocorre mais claramente como uma base para suas próprias atividades” (Street, 2017, p. 24), possibilitando, então, alternativas metodológicas de adaptação e integração dos discentes às diversas exigências da escrita no ambiente acadêmico.

Considerando essas reflexões, é importante destacar que nosso objetivo foi compreender os processos de letramento acadêmico vivenciados pelos estudantes do curso de Pedagogia da UERJ/FEBF, considerando os desafios, os conflitos e as possibilidades da escrita acadêmica a partir de seus próprios discursos. Para tanto, adotamos, em nossa pesquisa, a abordagem teórico-metodológica da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

3. A Análise Dialógica do Discurso (ADD): caminhos metodológicos

A teoria enunciativa do Círculo de Bakhtin vem contribuindo para o estabelecimento de pesquisas voltadas para a análise do discurso desde a difusão das traduções das obras do Círculo no cenário acadêmico brasileiro. Nesta direção, Marchezan (2021) afirma que a chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD), ao se fundamentar nos pressupostos do Círculo, vem se consolidando como uma importante abordagem teórico-metodológica para analisar textos e discursos, desde a publicação do artigo “Análise e Teoria do Discurso”, de Beth Brait (2006).

Os vários tipos de análises do discurso, de acordo com Adail Sobral e Karina Giacomelli:

[...] têm como objeto o discurso e não a língua em si. O discurso é uma unidade de análise que tem uma materialidade [...] Mas o discurso não se confunde com o texto nem com a fala ou com a língua. (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1077)

Neste sentido, os autores destacam que a ADD se fundamenta em 04 (quatro) eixos coexistentes e inter-relacionados: o *enunciado*, a *interação*, o *signo ideológico* e os *gêneros do discurso*. Com base nesses eixos, esse tipo de análise só se torna possível através da compreensão das interações entre interlocutores historicamente situados. Além disso, há o entendimento de que o discurso cria sentidos, fazendo com que as palavras e expressões da língua (enquanto sistema) ultrapassem as significações previamente dadas. Assim, os sentidos do discurso são específicos e se estabelecem a depender das condições de produção dos enunciados que se constituem nas relações dialógicas das interações verbais.

Sobral e Giacomelli (2016) destacam que o enunciado, um dos eixos essenciais da ADD, tem 03 (três) componentes interdependentes: a *referencialidade* (sobre o que se fala), a *expressividade* (avaliação/valoração sobre o que se fala) e a *endereçabilidade* (para quem se fala). Os autores também sinalizam 03 (três) elementos que compõem o “todo orgânico do enunciado” que não podem ser desconsiderados: 1) a exauribilidade do objeto e do sentido; 2) o projeto enunciativo do autor, que é a vontade de dizer do falante e 3) as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, ou seja, o que se espera da estrutura composicional de cada gênero.

O conceito de gêneros do discurso, um dos eixos da ADD destacado pelos autores, é particularmente importante para nós. Esses gêneros são formas de enunciados relativamente estáveis por meio dos quais os interlocutores se dirigem uns aos outros nas interações estabelecidas em situações formais e informais nas diferentes esferas de atividades da sociedade.

Nesse viés, a unidade orgânica dos gêneros do discurso se constitui a partir de 03 (três) elementos indissolivelmente ligados ao todo do enunciado: 1) o *conteúdo temático*, tópicos e conhecimentos dizíveis de determinado tema; 2) a *construção composicional*, forma organizadora, “a organização em partes” do que se diz; e 3) o *estilo*, escolha de recursos linguísticos, traços linguísticos da posição enunciativa do enunciador (Santos, 2015).

Concluindo, Adail Sobral e Karina Giacomelli (2016) apontam que uma análise com base na ADD envolve 03 (três) atividades analíticas integradas, que são: 1) descrição; 2) análise e 3) interpretação. Na descrição, o analista deve “[...] descrever o objeto concreto em termos de sua materialidade linguística e de suas características enunciativas” (Sobral; Giacomelli, 2016). Na análise, deve-se apontar “[...] as relações estabelecidas entre dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro)” (Sobral; Giacomelli, 2016). Na atividade da interpretação, etapa crucial do estudo, o pesquisador identifica e aponta as relações dialógicas, as ideologias subjacentes e as estratégias discursivas utilizadas, buscando compreender as camadas dos sentidos criados na junção da materialidade e do ato enunciativo.

Por fim, ressaltamos que conduzimos as análises da pesquisa com base na proposta teórico-metodológica da Análise Dialógica do Discurso. Neste artigo, apresentamos breves análises dos enunciados de graduandos do Curso de pedagogia da UERJ/FEBF, inscritos em disciplinas do segundo semestre de 2023. Esses estudantes participaram da pesquisa por meio de suas respostas ao questionário (formulário *google*) distribuído via grupos de *WhatsApp* de licenciandos da universidade.

4. Sobre a FEBF e o perfil dos estudantes: breves considerações

Antes da análise do material recolhido, faz-se necessário contextualizar o perfil dos estudantes atendidos pela FEBF e o contexto cultural do qual a universidade faz parte. A Baixada Fluminense é um espaço historicamente afetado por várias questões financeiras e sociais. Também espaço de várias lutas e de resistência.

A FEBF surge no Município de Duque de Caxias como responsável por formar grande parte do corpo docente que atua nesta região. Inicialmente surgiu como Faculdade de Educação do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira que já sediava o Curso Normal de Formação de Professores na região de Duque de Caxias. Como aponta Lima (2015), o curso só passa a ser reconhecido como Curso de Pedagogia oficialmente durante a década de 70, mas apenas é incorporado à UERJ na década de 80, como parte da faculdade de educação.

Vale ressaltar que a integração do curso à UERJ resultou da junção dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro. Ainda neste período, segundo Machado (2010) a faculdade sediava-se no segundo andar do Instituto Roberto Silveira, ganhando seu espaço como unidade universitária apenas em 1988 com legitimação oficial da criação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense após muitas lutas e reivindicações.

Sendo uma unidade universitária pertencente a uma região de tantas lutas, desigualdade e desvalidação financeira pelo governo, a FEBF atende uma maioria de estudantes oriundos da classe trabalhadora e de povos historicamente desvalorizados. Grande parte dos estudantes dessa universidade é trabalhador em tempo integral e precisa estudar no período noturno por conta da jornada de trabalho. Muitos, inclusive, docentes formados em outras universidades ou atuantes na área devido a já ter cursado o Curso Normal de Formação de Professores.

Nesta direção, o “discurso da transparência” (TURNER, 1999, apud PASQUOTTE-VIEIRA, 2014), tende a tornar-se latente, tendo em vista que a base maior de estudantes desta universidade tem origens não advindas do contexto cultural dominante da tradição intelectual ocidental da linguagem (Pasquote-Vieira, 2014). Como afirma Lima (2015) com base em Dalvi (2002), “[...] o local que você habita é motivo de exclusão social [...]”.

Logo o mito do “déficit” da escrita e de alunos “não tradicionais” torna-se mais latente devido ao fato de estes estudantes de culturas diversificadas estarem adentrando em uma esfera social nova com práticas de letramento destoantes com o que herdaram da cultura escolar tradicional. Portanto, o discurso dos Letramentos Acadêmicos ganha mais importância, necessitando de maior atenção e cuidado por parte dos docentes quanto às propostas de leitura, escrita, feedbacks e acompanhamento utilizando-se dos diversos gêneros acadêmicos escritos na tentativa de situá-los dentro dessa esfera.

5. O que os estudantes dizem sobre sua escrita acadêmica: desafios, conflitos e possibilidades

No contexto de nossa pesquisa, distribuímos para os licenciandos do curso de Pedagogia (UERJ/FEBF) um questionário (formulários Google) que consistia em 20 (vinte) perguntas numeradas. Destas, 19 de múltipla escolha, com 15 permitindo uma única resposta e 4 delas, a marcação de mais de uma opção. Além disso, 11 destas questões incluíam uma seção dissertativa, proporcionando aos participantes a oportunidade de expressar suas opiniões e enriquecer a análise das respostas. A última questão (número 20) não estava diretamente relacionada ao tema principal, mas era uma per-

gunta opcional para coletar informações de identificação e contato, visando possíveis entrevistas futuras.

Ao todo, 42 estudantes aceitaram nosso convite respondendo ao questionário. Apesar de distribuído através de grupos de *WhatsApp* de discentes do curso de Pedagogia da UERJ/FEBF, onde todos os universitários interessados tiveram a oportunidade de participar, nosso público-alvo foi o grupo cursando entre o 5º e o 8º período. Após realizarmos as primeiras análises do material coletado, observamos que, desses 42, apenas 30 enquadraram-se nesse perfil que selecionamos para a amostra do estudo, como mencionado na introdução.

Inicialmente, vale notar que ao responderem à questão “Como foi seu processo inicial de produção dos textos escritos solicitados no curso de Pedagogia?”, obtivemos as seguintes respostas do total de 42 estudantes: 38,1% dos estudantes afirmaram ter sido “Muito difícil”, 33,3% consideraram “Difícil”, 21,9% responderam ter sido “Mediano”, 4,8% consideraram “Fácil” e apenas 2,4% afirmaram ter sido “Muito fácil”. Dos 30 (trinta) participantes de 5º a 8º período, 10 (dez) fizeram complementos a esta questão com sequências enunciativas na seção que continha a opção dissertativa.

Neste artigo, devido às limitações de espaço, apresentamos análises descritivas e reflexivas dos enunciados de 2 (dois) destes participantes e, com relação à ética acadêmica, suas identidades foram preservadas com seus nomes substituídos pelos de autores importantes nos diversos estudos sobre os Letramentos, a saber: Becker, Ângela, Janaína, Brian e Karina. Cabe esclarecer que suas respostas dissertativas foram analisadas e referenciadas de forma indireta nesta pesquisa, em razão de restrições éticas.

Ressaltamos que os discursos de alguns dos participantes abrangem aspectos tanto do seu letramento escolar na Educação Básica quanto elementos do letramento acadêmico. Esses aspectos foram revelados não apenas em suas respostas ao questionário, mas também ao longo das observações participantes realizadas durante aulas de uma determinada disciplina do curso de Pedagogia da FEBF, focadas na produção de gêneros acadêmicos escritos que, ao final da produção, eram acompanhados de feedbacks da professora regente.

A primeira participante, identificada como Becker, estava matriculada no 8º período do curso de Pedagogia durante a realização da pesquisa, caracterizando-se como discente em fase de conclusão da graduação. Quando questionada quanto ao seu processo de escrita na universidade (Questão 5 – Como foi seu processo inicial de produção dos textos escritos solicitados no curso de Pedagogia?), ela afirma ter sido um processo “muito difícil” e, na sequência, assume um posicionamento enunciativo de alguém já socializada

com alguns termos linguísticos utilizados na esfera acadêmica, como: “textos científicos” e “escrita acadêmica”.

Também infere seu conhecimento sobre a diversidade estrutural dos gêneros discursivos escritos demandados nas esferas acadêmica e escolar, ao comentar que os textos trabalhados na Educação Básica não dão “nem de longe” estrutura para a construção dos textos acadêmicos. Assim, a expressão empregada pela estudante assume um sentido de unidade de medida para diferenciar os gêneros trabalhados nas duas esferas discursivas. Nos parece que Becker ratifica esta compreensão ao responder às questões 6 (Na sua opinião, a forma como você foi ensinado a produzir textos escritos no Ensino Fundamental contribuiu para que você construísse uma relação positiva com a escrita?) e 7 (A forma como você produziu os textos escritos que foram solicitados no Ensino Médio te ajuda a escrever os textos solicitados na faculdade), apontando para as necessidades da escrita, segundo as regras da ABNT, aspecto que caracteriza, claramente, práticas de letramento (Street, 2017, p. 38) específicas da esfera acadêmica.

Ela também afirma que havia uma maior preocupação com a concordância verbal e com a parte gramatical, o que nos remete a uma prática muito recorrente na esfera escolar: a escrita de redação, presente, principalmente, no Ensino Médio devido às cobranças sobre a escrita deste gênero para as provas de vestibular, em especial o ENEM. Ao ser questionada se “A forma como você escreve seus textos acadêmicos interfere na sua trajetória acadêmica?”, a discente admite não gostar de sua atual escrita acadêmica pois acredita que a avaliação dos textos não se dá apenas pela “maneira” como se escreve (estrutura), mas também pela visão crítica que se apresenta a partir das temáticas e teóricos estudados.

Ao responder a questão 9 (O que você pensa sobre a sua ATUAL escrita de textos acadêmicos?), a estudante enuncia que já consegue respeitar as regras que lhe são exigidas com prevalência na dificuldade de ter “clareza” na apresentação dos conceitos críticos a partir do que é pedido pelos professores e utiliza-se da palavra “regra” para retomar a ideia de composicionalidade dos gêneros acadêmicos escritos.

Becker aponta, em resposta objetiva, que possui algum tipo de dificuldade com a escrita de textos acadêmicos (Questão 10 – Você acha que possui algum tipo de dificuldade com a escrita de textos acadêmicos?) e que, sim, seu hábito de leitura interfere e é essencial neste processo (Questão 11 - Você acha que seu hábito de leitura interfere na sua escrita de textos acadêmicos?).

Sobre cursar disciplinas com solicitação de leitura e produção de textos de diferentes gêneros ao longo de um único semestre, reitera que teve

esse tipo de experiência já em seu primeiro período, e que tais retornos eram esporádicos e dados por iniciativa dos próprios docentes. Em complemento, na questão 17 (Atualmente, quando o retorno acontece, você se anima ou desanima?), responde que tais retornos são imprescindíveis e que gosta de aprender, aprimorar e corrigir suas habilidades de leitura e escrita por se ver em um processo contínuo de aprendizagem, reforçando a necessidade dos docentes darem retornos sobre sua escrita como forma de contribuir para o seu aprimoramento acadêmico.

Outro discurso analisado corresponde à participante Karina, então estudante do 5º período. Em resposta à questão 1, a estudante afirmou ter sido muito difícil e angustiante, comentando em seguida que por não saber o que escrever, ficava com “medo” de “escrever errado” e de não conseguir encontrar palavras para explicar o que lhe era solicitado. A análise de seu posicionamento revela a presença de vozes sociais que remetem a uma tradição escolar do ensino da linguagem escrita pautada por uma lógica binária, na qual predominam julgamentos de “certo” ou o “errado”, refletindo práticas normativas que ainda permeiam o ensino. Consequência de uma pedagogia tributária de uma metodologia de ensino baseado, eminentemente, na ideia de erro e acerto, que remontam a herança de estudos histórico-comparativos das gramáticas normativas.

Ao responder à 6ª questão, a estudante, mais uma vez, mantém sua posição enunciativa de denúncia, ao afirmar nunca ter sido incentivada a ler ou a escrever na escola. Ela complementa, ainda, que o perfil de atividades que recebia dos professores eram textos no quadro para serem copiados, sem oferecer autonomia ou liberdade para produzi-los. Percebemos na afirmação da estudante que a prática pedagógica de sua escola, a despeito da reorientação do ensino da leitura e da escrita que surge no Brasil nos anos de 1980, permanecia na contramão dos novos postulados teóricos sobre o ensino da leitura e da escrita.

Ao responder as questões 14 e 15, ela sinaliza ter recebido poucos retornos de suas produções textuais ao longo do curso, sentindo-se mal ao receber o primeiro retorno, no 1º período da faculdade, por entender que os apontamentos feitos pelo professor pareciam atestar sua “incapacidade de escrita”. Ao responder a questão 16, assim como outros estudantes que participaram deste estudo, a discente confirma uma falta frequente de retornos sobre as produções de textos escritos que são solicitados em várias disciplinas do curso.

Ao ser questionada se sua escrita acadêmica interferia em sua trajetória nesta esfera, a estudante alega acreditar que interfere “um pouco” e diz que por “nervosismo” e “medo” não consegue se doar 100% (cem por cento)

aos pedidos feitos, o que resulta em notas tidas por ela como “inferiores”. Utilizando-se dos termos “nervosismo”, “medo” e “notas inferiores” para referir-se às suas produções de textos, a estudante admite que sua escrita acadêmica interfere negativamente em seu percurso e explicita dificuldade em encontrar e empregar, em seus textos, palavras adequadas e “consideradas acadêmicas”.

6. Considerações (nunca) finais

O objetivo principal desta pesquisa foi compreender os desafios, os conflitos e as possibilidades da escrita acadêmica de estudantes do curso de Pedagogia da UERJ/FEBF, a partir do discurso dos próprios licenciandos dessa faculdade. Para isso, realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo, que, inicialmente, buscou tematizar como a escrita acadêmica vinha sendo vivenciada pelos discentes do curso de Pedagogia da FEBF.

Ao longo da revisão de literatura feita para este estudo, nos deparamos com a reflexão impactante de Marinho (2010) que expõe sobre a violência simbólica presente nas universidades, muitas vezes rotulando os estudantes como portadores de “déficit de escrita”, devido a uma concepção de que se aprende a ler e escrever textos nos Ensinos Fundamental e Médio, reforçada pelo mito do “espelhamento” da escrita escolar, segundo o qual ao cursarem a Educação Básica, os estudantes têm contato com ditas noções básicas de letramento que seriam automaticamente “espelhadas” para a escrita na esfera acadêmica (Pasquotte-Vieira, 2014, p. 62).

Nesta direção, devido à tradição do ensino da linguagem escrita nos anos escolares, que muitas vezes enfatiza apenas o “certo” ou o “errado” na produção do texto escolar, percebemos que tais estudantes desenvolvem uma relação conflituosa com a escrita que produzem na esfera acadêmica, ora culpando o ensino de leitura e escrita na Educação Básica, ora resgatando outros fatores externos à academia como motivos de seus enfrentamentos com a escrita acadêmica. Caso observado, por exemplo, nas contribuições de outra estudante que, para tentar resgatar possíveis explicações para suas dificuldades, aponta para a distância de tempo entre o término dos estudos na Educação Básica e início na universidade como um dos possíveis fatores.

Vale notar que outros estudantes apontam para a necessidade de suas escritas acadêmicas serem trabalhadas na própria universidade, com propostas de produção escrita, retornos dos professores e acompanhamentos contínuos para se “adequarem” às exigências da escrita acadêmica, através de metodologias que contribuam para que vivenciem práticas de produção de gêneros discursivos de modo que se reconheçam como autores competentes.

Assim, nos enunciados dos estudantes que participaram deste estudo, pudemos inferir que seus discursos apontam para uma falta de processos mais adequados de Letramentos Acadêmicos por parte de seus docentes. Nesse sentido, alguns mencionam que, embora receberem retornos, não têm acesso a *feedbacks* voltados ao acompanhamento específico de sua escrita, tampouco a oportunidades de reescrita.

Dois estudantes participantes se colocam em posição de dificuldade com os termos acadêmicos, indicando, indiretamente, a ausência de práticas que possibilitariam o trabalho com elementos constitutivos de gêneros discursivos, tais como: unidade temática, estilo e estrutura composicional.

Também percebemos que quatro discentes afirmaram ter passado dificuldades em seus processos iniciais de escrita na universidade, variando entre as respostas objetivas “difícil” e “muito difícil”, sendo que apenas um deles optou pela marcação “fácil”. Estudante este que consideramos já estar “academicamente letrado”, devido ao fato de já ter cursado outra graduação e ter passado por práticas de L.A em experiência anterior. Ademais, mesmo em períodos avançados do curso, notamos que os estudantes sinalizam que ainda carregam dúvidas e dificuldades com relação à escrita acadêmica, o que reforçaria a necessidade da garantia de práticas mais adequadas de Letramento Acadêmico ao longo de todo o curso, e não só nos primeiros períodos.

Outros discentes evocam vozes sociais de culpabilização dos ensinamentos anteriores aos acadêmicos em seus discursos, que nos permitem inferir uma relação com o conceito de *habitus* de Bourdieu, segundo o qual, nas palavras de Nogueira e Nogueira (2004, p. 74), para os estudantes “não tradicionais”, a universidade se apresentaria como uma espécie de cultura estrangeira, “[...] concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes” (Nogueira; Nogueira, 2004, p. 71).

Nessa direção, tais apontamentos tornam-se relevantes, principalmente em um período da história da educação brasileira em que os estudantes tidos como “não tradicionais” passaram a frequentar as cadeiras da universidade, trazendo consigo outras culturas e outras vivências mais “distantes” das práticas valorizadas no meio acadêmico – especialmente quando nos referimos a estudantes oriundos do contexto da Baixada Fluminense, região marcada por lutas e resistência, na qual a Faculdade de Educação se insere em um contexto histórico de enfrentamentos.

Em contraposição aos discursos de “déficit” e de “estudantes não tradicionais”, notamos que os termos, a escrita, a composicionalidade, e outras características específicas dos gêneros acadêmicos só poderiam ser ensina-

das aos discentes no meio acadêmico através, não só de propostas de leitura e escrita características do “Modelo de atividades de estudo”, mas, sobretudo, de propostas elaboradas tanto a partir do chamado “Modelo de socialização acadêmica” e, principalmente, a partir de práticas ancoradas no “Modelos de Letramentos Acadêmicos”. Propostas nas quais as práticas de leitura e escrita dos diversos gêneros devem levar em conta o discurso destes estudantes, no sentido de que leiam e produzam textos com acompanhamento contínuo dos docentes, atuando como facilitadores deste processo. Como destaca Brian Street:

O foco em projetos de letramento acadêmico, assim desloca-se dos estudantes como “problemas” para os tutores como praticantes profundamente envolvidos no processo de auxiliar os estudantes nos exercícios da escrita acadêmica. (Street, 2017, p. 29)

Este discurso não invalida as duas abordagens citadas, mas as colocam como possíveis metodologias dentro de uma gama muito maior, pois, segundo Bezerra (2012):

[...] a abordagem dos letramentos acadêmicos, longe de rejeitar a validade das habilidades de estudo e da socialização acadêmica como tais, procura incorporá-las em uma concepção mais abrangente, centrada na noção de escrita como prática social complexa. (Bezerra, 2012, p. 251)

Por fim, é relevante compreender que a produção escrita dos estudantes da academia não se limita apenas à transmissão de conteúdos específicos tratados nas disciplinas, mas também envolve a habilidade de argumentação, a estruturação de raciocínios e a comunicação dos desafios, conflitos e possibilidades vislumbradas em seus processos de Letramentos Acadêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1959–1961].

BEZERRA, Benedito Gomes. Letramentos Acadêmicos na Perspectiva dos Gêneros Textuais. *Revista fórum linguístico*, v. 9, n. 4, p. 247-58. Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2012v9n4p247>. Acesso em 29 out. 2025.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 2, p. 1-

25. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 29 out. 2025.

FIAD, Raquel Salek. Reescrita, Dialogismo e Etnografia. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 3, p. 463-80. Tubarão, 2013. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2155. Acesso em: 29 out. 2025.

FIAD, Raquel Salek. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. *Pensares em revista*, n. 6, p. 23-34. São Gonçalo, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/18424>. Acesso em: 29 out. 2025.

FIAD, Raquel Salek. Pesquisa e ensino de escrita. *Revista do GEL*, v. 14, n. 3, p. 86-99, 2017. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1867>. Acesso em: 28 out. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GERALDI, João Wanderlei (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*, São Paulo: Assoeste, 1984.

LIMA, Hugo. Entre passado e presente, reflexos de uma trajetória: resposta ao tempo. *FEBF/UERJ na praça â013Baixada na FEBF*, v. 2, p. 5, Duque de Caxias, 2015. Disponível em: https://pinba.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/07/5_entre-passado-e-presente.pdf. Acesso em: 28 out. 2025.

MACHADO, Lilian. *História e memória da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF): de sua origem à conquista como Unidade Universitária da UERJ*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Duque de Caxias-RJ: 2010. 78p.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 10, n. 2, p. 363-386. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-6398201000020005>. Acesso em: 28 out. 2025.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio. *Bourdieu e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PASQUOTTE-VIEIRA, Eliane. *Letramentos Acadêmicos: (re)significações e (re)posicionamentos de sujeitos discursivos*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Campinas-SP: 2014. 242p.

SANTOS, Andrea Pessôa dos. *Linguagem, gêneros do discurso e práticas pedagógicas: a organização dos textos escritos de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação. Niterói-RJ, 2015.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios de Linguagem*, v. 10 n. 3, p. 1076-94. Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 28 out. 2025.

STREET, Brian. Letramentos acadêmicos: avanços e críticas recentes. In: AGUSTINI, C.; ERNESTO, B. (Eds). *Incursões na escrita acadêmico-universitária: letramento, discurso, enunciação* [online], p. 21-33. Uberlândia: EDUFU, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/32vmq/pdf/agustini-9786586084269-02.pdf>. Acesso em: 28 out. 2025.